Greenwashing

O autor escreveu o livro "Os sete erros da sustentabilidade", um autêntico manual de conduta para as empresas nesses tempos marcados por revezes climáticos, com atualização exclusiva para os leitores da Marketing

>POR WALTER LONGO*
FOTOS DIVULGAÇÃO

O ano é 2019 e as três moiras estão em frente à televisão. Esgotaram-se os dez anos que a Conferência do Clima da ONU, em Copenhague, estabeleceu como prazo máximo para reverter a tendência de aquecimento global – ou, pelo menos, para manter o aumento de temperatura média do planeta abaixo de 2°C.

Os principais cientistas da área anunciam: "Governos, empresas e consumidores falharam igualmente em cumprir sua parte e agora pode ser tarde demais, porém vamos continuar tentando".

As três divindades responsáveis pelo destino dos homens têm reações distintas ao noticiário. Cloto, a quem cabe fabricar os fios de vida no tear, e Láquesis, que os tece, puxando e enrolando um por um, ficam paralisadas. Já Átropos afia sua tesoura. Ela pressente que precisará cortá-los todos e lhe resta cumprir seu papel.

É questão de tempo. Quando o assunto remete a sobrevivência, não há recurso narrativo melhor que essas figuras da mitologia grega – as três fiandeiras do destino. Tanto que basta

* Presidente da Grey Brasil e mentor de estratégia do Grupo Newcomm de Comunicação. O projeto transmídia do qual este livreto é apenas uma parte inspira-se na teoria dos jogos, que, de acordo com "The Concise Encyclopedia of Economics", é sinônimo de ciência da estratégia. "[A teoria dos jogos] tenta determinar, de modo matemático e lógico, as ações que os jogadores devem tomar a fim de assegurar os melhores resultados para si. Todos os jogos compartilham a característica da interdependência. Ou seja, o resultado de cada participante depende das escolhas de todos." Em minha opinião, se quisermos aumentar nossas probabilidades de êxito, o desafio da sustentabilidade deve passar a ser visto como um jogo.

ao leitor imaginar as reações para fazer três perguntas-chave: você acha que, em 2019, teremos realmente fracassado na reversão das tendências de aquecimento global? Isso se deve ao fato de a mudança climática não ser percebida como realmente grave? O problema está na inviabilidade das mudanças socioeconômicas propostas como solução?

Se você respondeu "sim" às três questões, convido-o a ler este artigo, que, em respeito à urgência do tema, foi impresso com o objetivo de antecipar um pouco do projeto transmídia em que estou trabalhando.

Organizações e pessoas vêm movendo mundos e fundos para ser cada vez mais sustentáveis: reciclam lixo, economizam água e energia elétrica, priorizam a aquisição de insumos verdes, investem em iniciativas de promoção da biodiversidade. Tentam, esforçam-se e não avançam.

Você não sente a mesma impotência em sua empresa? Se for sincero, sua resposta será afirmativa, assim como a minha o é. Por mais que a intenção seja outra, as medidas, na maioria, têm sido inócuas, como se tudo o que fizéssemos se tornasse um marketing em estilo "greenwashing" diante da real dimensão do problema.

Minha tese é a de que estamos incorrendo em sete erros fundamentais na busca da sustentabilidade. Eu os aponto a seguir e arrisco dizer que, se não os reconhecermos rapidamente e mudarmos nossa abordagem à questão, a moira Átropos poderá, em algumas décadas, utilizar sua tesoura, transformando a morte metafórica do planeta em realidade.

#1 Afirmar que a solução para o aquecimento global depende de reeducar pessoas e empresas para que limitem seu impacto ambiental.

O raciocínio por trás da afirmação é o de que pessoas devem consumir menos e empresas precisam limitar sua produção, reduzindo as respectivas pegadas de carbono, as chamadas pegadas hídricas etc. Se conseguirmos ensiná-las a fazer isso, resolveremos todo o problema em que nos metemos.

Em primeiro lugar, em sã consciência, nenhuma solução que se pretenda rápida pode depender da aquisição de novos e tão viscerais hábitos por sete bilhões de indivíduos, que é a população da Terra, ainda mais quando estes pertencem aos mais diversos contextos sociais, econômicos e culturais. O fato de que os novos hábitos implicam perdas de padrão de vida e de renda só faz piorar as perspectivas de sucesso na implementação dessa mudança.

Se já é improvável que, por exemplo, todas as pessoas reduzam seu tempo de banho, um dos poucos momentos de relaxamento dos dias cansativos, é virtualmente impossível esperar de uma fornecedora de energia elétrica como a Eletropaulo que peça à população para economizar luz. Isso equivale a ver a Apple recomendando que não se compre o iPhone. O leitor acredita verdadeiramente na viabilidade dessa transformação entre as empresas?

A única maneira de resolver o problema ambiental que enfrentamos é a inovação, seja tecnológica, seja comportamental. Presto atenção, por exemplo, ao futurista Ray Kuzweil, fundador da Singularity University, uma das principais usinas do futuro na atualidade, situada no Vale do Silício, na Califórnia. Sua aposta é a de que os preços da tecnologia por capacidade cairão tanto, e tão rápido, que até meados deste século todas as ameaças ambientais poderão ser revertidas com a ajuda desses meios, das relativas a energia às alimentares, das que envolvem biodiversidade à água. Contabilizando a água hoje poluída e a salgada, sobra água para banhos demorados; portanto, caso as tecnologias para despoluir e dessalinizar sejam extremamente acessíveis, encaixam-se as peças desse quebra-cabeça. Ou não?

Agora, consideremos um cenário em que Kurzweil esteja enganado. Mesmo assim, vemos muita ação em outras usinas do futuro, instituições nas quais as pessoas se reúnem para projetar e construir o amanhã. Ainda raras no Brasil, são levadas a sério nos Estados Unidos e investem em múltiplas frentes de inovação pró-meio ambiente, como o Rocky Mountain Institute (RMI), instalado em plenas Montanhas Rochosas, no Colorado. Seus painéis de captação de energia solar lhe garantem uma invejável conta de luz mensal, que não ultrapassa os cinco dólares! Já pensou nisso?

O líder do RMI, o físico Amory Lovins, projeta o capitalismo na-

tural que substituirá de vez o modelo de negócio de venda de bens pelo de fluxo de serviços – ou seja, em vez de vender lâmpadas, as empresas venderão iluminação. Seguindo essa lógica, Lovins inventou o Hypercar, automóvel híbrido no quesito combustível e feito de fibra de carbono; é mais leve e resistente que o aço, barato e fácil de produzir.

Tudo isso sem falar que uma inovação denominada internet já vem reduzindo imensa e imperceptivelmente os impactos do homem na natureza. Lembra-se, por exemplo, de quando uma pessoa tinha de ir a várias concessionárias de automóveis antes de escolher um carro para comprar? Já imaginou quanto gás carbônico tal consumidor emitia então? Agora, toda essa pré-pesquisa é feita no computador de casa, no aperto de teclas.

Não perco a oportunidade de instigar: para o leitor, a internet é, principalmente, uma inovação tecnológica ou comportamental? Eu fico com a segunda opção. A revolução digital alardeada aos quatro ventos constitui, sobretudo, uma revolução humana apoiada em ferramentas digitais. Afinal, eu altero meu processo de escolha para adquirir meu próximo carro ou meu próximo livro. E essa inovação comportamental poderosa não tem nada a ver com restringir hábitos de produção e consumo, e sim com fazer diferente o que todo mundo faz igual.

Exemplos triviais de inovação comportamental são o de pessoas que almoçam em horário alternativo e o de um restaurante que reduz os preços do cardápio em horário alternativo para atrair maior clientela. Em São Paulo, conseguir mesa em restaurante entre 12h e 15h é um sufoco, mas o local fica vazio no intervalo entre o rush dessa refeição e o início do jantar. Em outras palavras, temos uma estrutura grande e cara que fica às moscas, sem uso, em 18 das 24 horas do dia. E eu lhe pergunto: que tal inovar aproveitando essa capacidade ociosa?

Pois esse tipo de inovação ainda nem começou.

#2 Convocar os habitantes do planeta a descentralizar-se e reorganizar-se em cidades menores, argumentando que as megalópoles são os maiores vilões do clima.

Quem acompanha o noticiário e as declarações de líderes políticos e ambientalistas não tem dúvida: cidades grandes são os bandidos desse faroeste climático, entre outras razões, porque boa parte da emissão de gás carbônico causador do efeito estufa vem de seu típico trânsito caótico. O fenômeno é sinalizado pelo estímulo dos governos, ainda discreto, à redistribuição da população em cidades de menor porte e também pelo fato de o "sonho da casa no campo" voltar a ter apelo, como mostrou um estudo de Gislene Silva baseado nos meios de comunicação.

E se eu disser que é preciso fazer exatamente o contrário, concentrando ainda mais os habitantes do planeta em megacidades?

Que as megalópoles atuais são disfuncionais não se discute. Que contribuem negativamente para a saúde e a qualidade de vida de seus moradores, idem. Ao contrário do que reza o senso comum, no entanto, essas características não são intrínsecas às grandes cidades. Quase todos os argumentos contrários às elevadas concentrações urbanas procedem em nossa realidade cotidiana, mas são questionáveis em sua essência.

Se a ideia é controversa, não a trago à baila sem fundamentos sólidos. Quase toda a responsabilização das megalópoles pelos problemas ambientais parte, talvez inconscientemente, de uma descoberta que o cientista suíço Max Kleiber fez no começo do século 20. Ele comprovou, em uma relação matemática, que, quanto maior um organismo vivo, mais lento é seu metabolismo.

Assim, um golfinho é mais rápido do que uma baleia e um elefante se movimenta muito mais devagar do que uma pulga, ideia tão popularizada que vem sendo aplicada, na forma de metáfora, a organismos vivos "honorários", construídos pelos seres humanos, como cidades e empresas.

Quem de nós não dá como certo que uma start-up (pulga) tem agilidade muito maior do que uma corporação (elefante)? Pois, igualmente, o metabolismo lento constitui a explicação perfeita para a não fluência do trânsito testemunhada em superorganismos vivos como São Paulo, Rio de Janeiro, Londres ou Nova York.

Ocorre que a explicação é perfeita, mas insuficiente. O alerta vermelho para o raciocínio vem do biólogo Geoffrey West, que já presidiu o Santa Fe Institute, uma das principais usinas do futuro norte-americanas ao lado do Rocky Mountain Institute e da Singularity University, e também da CalTech, do MediaLab do Massachusetts Institute of Technology (MIT), da Long Now Foundation e do Institute for the Future. Na investigação de West, a lógica de Kleiber foi confrontada por um pequeno, porém relevante, detalhe: quanto maior a cida-

de, mais inovadora ela é. West até mensurou a inovação em produtos e serviços e concluiu que uma cidade de cinco milhões de habitantes é, em média, três vezes mais criativa do que uma de 100 mil.

Esse fenômeno levantado por West tem recebido a atenção de muitos estudiosos, como Parag Khanna, que esteve recentemente no Brasil, e o biólogo Stuart Kauffman, que desenvolveu a interessantíssima teoria do potencial adjacente. No paralelo com o cérebro humano que ele traçou, entende-se melhor do que se trata: se nossos neurônios (100 bilhões, aproximadamente) não se conectassem com outros a seu redor em sinapses (estes com mais outros e assim sucessivamente), seriam inúteis. É a rede de conexões neurais, estimadas em 100 trilhões, que gera o raciocínio. O potencial adjacente é, em termos leigos, o que um neurônio toma emprestado do neurônio vizinho quando se conecta com este. Quanto maioro potencial adjacente, mais sofisticado o raciocínio.

Em uma cidade grande, a possibilidade de conexões é evidentemente maior. Quantas conexões não são feitas em um trem metropolitano lotado no retorno do trabalho para casa? E no saguão do aeroporto? A conexão não depende de conversar com outras pessoas; basta ouvir conversas de passagem, ver imagens diferentes, tudo isso é gatilho para sinapses. Locais cheios de gente podem ser desconfortáveis, mas são profundamente estimulantes para o cérebro humano. E, se a cidade tiver diversidade cultural, de raças, credos e costumes, mais gatilhos de inovação ela vai disparar em nossa mente.

Uma das desvantagens competitivas de nações muçulmanas e até de alguns países europeus é justamente sua cultura homogênea, que reduz seu potencial adjacente. Países como os Estados Unidos e o Brasil, ao contrário, extremamente heterogêneos, possuem esse potencial amplificado – às vezes, não nos damos conta de que a sociedade brasileira é altamente inovadora, haja vista o velho e bom exemplo da organização do Carnaval; apenas nossa criatividade e nossa ousadia são penalizadas por um nó górdio institucional, que vai da religião à legislação tributária.

As grandes cidades possuem um acervo de informações acumuladas que amplifica o raciocínio humano e aumenta as probabilidades de inovação. Isso tem nome: exteligência. Temos, todos e cada um de nós, inteligência, mas pode-se dizer que chimpanzés e golfinhos também a têm em certa medida. O que realmente nos separa dos animais é a exteligência, o conjunto das informações acumuladas.

Houve um tempo em que a exteligência se concentrava no clero, como sabe quem leu o romance "O nome da rosa", de Umberto Eco; todo o restante da população apenas trabalhava, comia e dormia. Essa exteligência se estendeu aos nobres faz uns trezentos anos; há cem anos, ficou acessível aos ricos em geral, fossem donos de títulos nobiliárquicos ou burgueses. Trinta anos atrás, disponibilizou-se a todos que viviam em grandes centros urbanos e, faz uns cinco anos, com a internet, amplificou-se sobremaneira – hoje, qualquer pessoa do mundo usufrui a exteligência da Biblioteca do Congresso Nacional norte-americano, em Washington.

A internet, especialmente com suas redes sociais, também gera potencial adjacente, mas está longe de replicar, ou mesmo de substituir, a capacidade de estimular sinapses existentes em uma megalópole. As inovações tão necessárias para resolver o desafio climático continuam dependendo das grandes concentrações urbanas. A descentralização populacional, por sua vez, tende a fazer com que mais áreas naturais sofram o impacto do homem. Há sentido nisso? Não é melhor preservar praias, florestas, rios e seus recursos, tornando-os apenas destinos de férias?

A resposta não está em extinguir as grandes cidades, mas, ao contrário, em aumentar seu número. Para tanto, basta viabilizá-las. Impossível? Não. Apenas é preciso parar de pensar em termos de rodízio de veículos e inovar com um rodízio de vidas. Lembra-se do horário alternativo do restaurante?

#3 A partir do princípio de que as atuais edificações são responsáveis pelo problema e devem ser substituídas por novas estruturas mais adaptadas ao meio ambiente.

A fim de tentar reverter o estressante cotidiano das cidades grandes e reduzir seu impacto ambiental, os governos costumam propor mais transporte coletivo – com biocombustível –, instituir o rodízio de veículos e multas educativas a seus usuários, e construir mais avenidas e pontes com materiais ambientalmente corretos. Essas medidas não têm surtido efeito. Londres e Nova York possuem dois dos melhores sistemas de transporte público do mundo e aplicam multas de trânsito, que, no entanto, continua enlouquecedor. O agravante é que essa visão transforma o

trânsito em uma luta de classes: as elites socioeconômicas, que possuem a maioria dos carros, são apontadas como as principais culpadas, mas as classes A, B, C e D sofrem com o trânsito de maneira igualitária, pelo prejuízo da produtividade, pelo aumento da violência em função do estresse e das oportunidades que o engarrafamento oferece aos malfeitores e pela ameaça à saúde, uma vez que o trânsito inviabiliza, por exemplo, o socorro imediato em casos de emergência.

O trânsito constitui o sistema circulatório do superorganismo vivo que é uma megalópole. E quando o sistema circulatório está com problemas, todo o resto do corpo se sujeita a reduções de eficiência ou colapsos. Precisamos passar a enxergar o trânsito como manifestação de uma doença que afeta todos os órgãos desse ser vivo, comprometendo seu funcionamento, e curar esses órgãos.

Só que a ideia de que a cura dos órgãos doentes passa por ampliar a infraestrutura viária e de transporte público das cidades soa ainda mais absurda. Se a infraestrutura está subdimensionada para as necessidades atuais, tende a estar absolutamente superdimensionada para a necessidade daqui a 20 anos. Por quê? É simples: a capacidade instalada é totalmente consumida por mais ou menos quatro a seis horas no dia e fica ociosa nas 18 a 20 horas restantes. Há um completo desperdício de infraestrutura, porque os hábitos e horários de todos os habitantes são rigorosamente os mesmos. Basta ver que 10 milhões de pessoas em São Paulo saem para trabalhar ou estudar exatamente no mesmo horário e direção, e depois voltam todas juntas para seus locais de origem.

No intervalo entre ida e vinda, são aproximadamente oito horas de ônibus, trens e metrôs quase vazios. Faço o mea culpa também. Revendo minha agenda semanal, vejo que fiz uma dúzia de reuniões e que pelo menos sete delas poderiam dispensar deslocamento e ser realizadas a distância por videoconferência, Skype, Viber ou mesmo um simples e arcaico telefonema. Que razões me levaram a enfrentar imensos congestionamentos, que acarretam tanta perda de tempo? Identifiquei três conjuntos de razões para essa tendência doentia de transportar nosso corpo para outros locais:

1. A falta de infraestrutura digital barata e confiável nas duas pontas do diálogo. A boa notícia é que a tecnologia para isso já existe no mercado, ela apenas não está devidamente implementada nos locais de trabalho.

2. A inexperiência com reuniões a distância, que exige nova postura. É uma questão de cultura e atitude, seja no ato de apresentar, seja no ato de se portar.

3. A dificuldade das pessoas em quebrar paradigmas. Todos nós pensamos no que é e não no que pode ser, porque repetir comportamentos nos traz segurança e conforto mental.

Como superar essas condições limitantes que nos fazem gerar mais e mais trânsito, dificultando terrivelmente nossa vida e aumentando nossa pegada de carbono? Com inovação. E, nesse caso, a principal inovação deve caber aos governos, que precisam voltar a ser governos e reassumir seu papel de dar os rumos à sociedade. Em São Paulo, a prefeitura conseguiu mudar muitos comportamentos com leis, desde a que aboliu os outdoors publicitários para reduzir a poluição visual até a que proibiu as pessoas de fumar em estabelecimentos públicos fechados, passando pela que implantou o rodízio de veículos. Não é verdade? Isso até desautorizou a sabedoria popular; leis "pegam", sim, no Brasil, contanto que façam sentido.

Boa parte das inovações governamentais necessárias para reinventar o trânsito das megalópoles nem deve requerer proibições legais; apenas incentivos econômicos talvez bastem. Vale lembrar, por exemplo, que um aparelho de videoconferência hoje é sobretaxado como produto de luxo, quando poderia ter isenção fiscal. Alíquota menor do Imposto sobre Circulação e Serviços (ICMS) para compras on-line também contribuiria para a redução do trânsito, assim como desconto no Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) para quem mora a menos de três quilômetros de distância do trabalho.

A lista de possibilidades é infinita; experimente fazer a sua. A minha inclui ainda estradas abaterem pedágio depois da meia-noite, aeroportos darem desconto em taxa aeroportuária para incentivar voos de madrugada, escolas revezarem os períodos de férias, o que, de quebra, induziria o melhor aproveitamento do potencial turístico, acabando com a lógica das altas temporadas de janeiro, fevereiro e julho.

Tudo isso é inovação; tudo isso aumenta a sustentabilidade. É um planejamento complexo? Sim; basta pensar em coordenar as férias de pais e filhos. Entretanto, é factível, principalmente por conta das tecnologias que temos a nossa disposição. Nesse novo contexto, o trabalho remoto será cada vez mais importante. Não que o trabalho presencial deva ser totalmente abolido – ele é crucial para criar vínculos –, mas, se a presença no local de trabalho fosse considerada complementar, isso seria um senhor facilitador das transformações todas.

Dizem por aí que tecnologia e sustentabilidade são incompatíveis, excludentes. Trata-se de uma falácia, e das mais perigosas, porque, em vez de nos aproximar da solução, coloca-nos ainda mais longe dela. A verdade está no extremo oposto: é a tecnologia que tem as maiores chances de tornar o planeta realmente sustentável.

#4 Defender que temos de reduzir a produção e o consumo, ou seja, estabelecer um patamar de desempenho inferior para a economia e os negócios.

Agora, as pessoas da classe C podem viajar de avião. No entanto, são obrigadas a fazê-lo com a consciência pesada, porque aviões poluem o planeta. Uma ordem inconsciente determina que não consumam e restrinjam suas viagens. É uma insensatez e uma crueldade dizer que "a festa acabou" aos recém-chegados. E lembre-se de que, em uma perspectiva mundial, eles são muitos – pense nos países emergentes do novo acrônimo BRICS, ou seja, em Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (este, em inglês).

A real busca ecológica não pode passar por evitar o consumo; trata-se de uma injustiça histórica – e de um contrassenso total. Devemos, isto sim, incentivar uma nova maneira de consumir, que leve em conta os resultados do ato de consumo, o qual venho chamando de "consumerismo", para diferenciar de "consumismo". Já existe a tecnologia que induz o consumo com mais responsabilidade, que está tanto nas geladeiras que consomem menos energia elétrica como nos carros elétricos. Um exemplo é o que a iniciativa privada está fazendo em Paris: disponibiliza carros elétricos em pontos estratégicos, que podem ser alugados apenas para um percurso e deixados em pontos predefinidos. É a união da inovação tecnológica com a inovação comportamental: eles custam mais barato do que andar de táxi ou do que ter um automóvel próprio, são mais confortáveis do que o transporte público e poluem menos. A solução não é o parisiense parar de se movimentar, mas se movimentar de maneira mais inteligente.

É fato incontestável que as empresas dependem do permanente crescimento dos negócios para se manter e gerar empregos. Isso significa que as economias como um todo dependem do motor representado pelo consumo – por que outra razão os governos criariam mecanismos de incentivo ao consumo quando há uma recessão em curso?

A abordagem ao consumo requer inteligência, responsabilidade e, por que não dizer, coerência. Por exemplo, os governos tendem a incentivar o consumo na recessão e a restringi-lo quando a economia se acelera, o que, se faz sentido na visão econômica, é esquizofrênico do ponto de vista comportamental. As pessoas têm de passar a receber orientações únicas e coerentes, para que consigam rumar sempre na direção correta.

Em suma, o mundo precisa rever com urgência sua visão distorcida do ato de consumir. A consciência ecológica deve vir por meio da evolução e não da restrição, pelo aumento do conforto e da qualidade de vida e não pela perda contínua de tudo isso. Só assim uma mudança – qualquer mudança – será factível.

#5 Crer, acima de qualquer dúvida, que todas as inovações possíveis para reverter o problema climático já foram desenvolvidas

Pela lógica reinante, mesmo se implementarmos em larga escala todas as inovações possíveis, nem assim os problemas ambientais que enfrentamos estarão resolvidos. O leitor concorda com essa visão? Eu não. A inovação pró-sustentabilidade mal começou, seja a tecnológica ou a comportamental.

Imagine o efeito que teria a operação de diversos negócios em diferentes horários alternativos, sob influência de incentivo fiscal: agências bancárias que abrissem só à tarde ou à noite, comércio que não funcionasse antes das 11h, escritórios que passassem a trabalhar em três turnos como a indústria, restaurantes que servissem refeições fora de hora etc. Em todos esses casos, seria fundamental uma revisão das leis trabalhistas, extinguindo o pagamento de adicionais por trabalho noturno e outras regras rígidas que hoje norteiam a relação empregado-empregador. Está mais do que na hora de deixar de ver isso como exploração do trabalho pelo capital e entendê-lo como política de sustentabilidade. É algo viável, contudo, se houver vontade política.

No que diz respeito à inovação tecnológica, então, nem chegamos perto de desenvolver todas as soluções possíveis. Você sabia que os computadores "evo-

luem" e resolvem problemas técnicos sozinhos? A tal computação evolucionária produz designs altamente funcionais que os seres humanos jamais conseguiriam criar. Especialistas em robótica da Cornell University, dos Estados Unidos, aplicaram a técnica a um projeto de robôs com novas capacidades de movimento, por exemplo, e o resultado foi uma forma inexplicável: um corpo triangular com nove patas, seis das quais sempre tocam o piso e permitem movimentos otimizados em terrenos escarpados; assim, o robô se reorganiza quando está próximo de cair.

Outra tecnologia maluca para o senso comum se encontra nos modelos de computação que conseguem identificar "fenômenos emergentes", como são chamadas as propriedades ou os processos de um sistema que não podem ser reduzidos às propriedades ou aos processos de suas partes constituintes. Se nem os cientistas sabem ao certo por que tais fenômenos acontecem, como ter certeza de que essa condição, já identificável, não poderá ser tilizada em breve a favor do meio ambiente?

Tais tecnologias absurdamente inovadoras não são delírios futuristas; elas já estão sendo aplicadas à eletrônica, à biologia, à psicologia, à química. É tolice crer que todas inovações que poderiam ser desenvolvidas já o foram. A confluência GNR, de genética, nanotecnologia e robótica, como a chama Ray Kurzweil, provocará transformações que vão muito além de nossa limitada imaginação.

#6 Pressupor que parar de desperdiçar e começar a reciclar tudo em larga escala bastará para resolver todo o problema.

Peço licença agora para quase cometer um pecado ou, no mínimo, dizer uma infâmia, mas substituir saquinhos plásticos de supermercado por sacolas ecológicas de pano ou fazer impressos em papel reciclado é algo próximo de uma piada. Não apenas pela falta de rigor no conceito de sustentabilidade envolvido nesses dois casos, em que a produção da opção sustentável embute, em geral, processos com elementos muito menos sustentáveis, mas também porque isso nem faz cócegas no desafio climático, que tem dimensões gigantescas – tampouco faria se fosse adotado pelo mundo inteiro.

Conceitos como desperdício e reciclagem estão muito mal definidos por nossa sociedade e são absolutamente periféricos em sua compreensão atual.

Desperdício, em minha opinião, é matar dezenas de inovadores, Einsteins e Mozarts, todos os dias, porque eles não têm acesso à educação e à informação, nem chance de mostrar seu trabalho. Felizmente, esse quadro tem sido melhorado pela internet e pelas megacidades. A prova é uma menina chamada Tavi Gevinson, dona de imenso talento para moda, que despontou no mundo em 2008, aos 11 anos de idade, por meio de seu blog.

Por sua vez, a verdadeira reciclagem que precisa ser feita não é a de lixo – que ameniza o problema, mas não o resolve –, mas a de ideias. Sim, ser sustentável é reciclar ideias. Quer um ótimo exemplo? É o da Santa Rita High School, nos Estados Unidos, para ficarmos no âmbito da educação. Para garantir a qualidade do ensino, ela reciclou uma ideia: os alunos fazem lição de casa juntos, na escola, e têm aulas sozinhos, em casa, a distância. A escola entendeu que é na discussão da lição de casa que o aprendizado um com o outro, em grupo, faz diferença. O mesmo pode ser dito sobre o método de cobrança dos médicos. Nós, do mundo ocidental, poderíamos reciclar nossa ideia a esse respeito com os chineses e passar a cobrar dos pacientes quando eles estão com saúde, não quando ficam doentes, já que a missão dos médicos é manter a saúde.

Parabenizo todos que evitam desperdícios e se esforçam para fazer reciclagem, e não nego que sejam louváveis os esforços que cada um tem feito para reeducar-se; apenas acho que estes podem ser muito mais eficazes se forem dirigidos principalmente ao que pode atacar o problema de fato. Insisto e repito: o foco deve ser em inovação.

#7 Confiar em que o diagnóstico atual é preciso e que os heróis e vilões da sustentabilidade estão corretamente identificados.

Tenho certeza de que o diagnóstico atual está errado e que o principal vilão ninguém percebeu ainda quem é: o modelo mental atual, o paradigma. Continuamos a repetir que uma rede de metrô com maior capilaridade nas grandes cidades seria a solução de todos os males, quando isso não melhora o conges-

tionamento, apenas o redistribui, já que as pessoas precisam se dirigir da estação para seus locais de trabalho e moradia. Seguimos dizendo que é melhor acabar com as grandes e inviáveis cidades, quando elas são a fonte de inovação por excelência, e inovação é nossa melhor aposta para fazer o planeta sobreviver. Insistimos, os mais "conscientes" de nós, em tomar banhos rápidos e em reciclar lixo, quando isso nem de leve modifica o problema.

Somos como aqueles elefantes de circo que, quando filhotes, são presos em estacas e, ao virarem adultos, continuam se submetendo à frágil cordinha por acreditar que não conseguem arrancá-la. Obedecemos todos a estacas imaginárias, mesmo com a profusão de provas em contrário. Se você não gosta de ser comparado com um elefante, pode mirar-se em um sapo e sua pecilotermia. Em uma panela de água no fogo, o sapo morre cozido porque não percebe que a temperatura está se elevando para pular fora da panela a tempo.

O momento é privilegiado para mudarmos os paradigmas. Estamos vivendo um "tesarac", como tenho falado. Essa palavra, criada pelo escritor Shel Silverstein, designa uma espécie de dobra na história, em que se destroem os paradigmas – sociais, culturais, econômicos – e colocam-se outros no lugar. Enquanto o tesarac ocorre, a sociedade mergulha no caos e na confusão, até que uma nova ordem a recomponha. A Renascença e a Revolução Industrial são dois exemplos de tesaracs, quando todos os paradigmas foram questionados.

Também podemos recuperar, no meio dessa transformação, o leme de nossa vida. Você reparou como estamos cada vez mais saindo para trabalhar e estudar e ficando em casa para nos divertir? A tecnologia disponível permite inverter essa tendência lamentável, levando-nos a trabalhar e estudar em casa e a sair para nos divertir.

Um novo paradigma de sustentabilidade é a utilização otimizada de todos os recursos evitando desperdícios, o que implica o aproveitamento máximo dos recursos da infraestrutura disponível utilizando absolutamente tudo o que ela pode dar sem a necessidade de fazer mais. Somente as inovações tecnológicas e comportamentais, de rodízio de vidas, podem, efetivamente, proteger o planeta e todos nós.

Não sou biólogo, físico ou economista. Tampouco sou político como Al Gore, que levantou o tema da sustentabilidade com seu "Uma verdade inconveniente" e ganhou o Prêmio Nobel da Paz em consequência. Sou publicitário e talvez por isso possa ser confundido com quem quer manter um status quo consumista. Pelo menos, meu cargo na publicidade é o de mentor de estratégia e inovação – trabalho no Grupo Newcomm, que engloba Young & Rubicam, Energy e Wunderman, entre outras agências, como a Grey, da qual sou presidente. Sou, na verdade, um evangelista, como já me definiu a revista HSM Management, explicando que, no universo empresarial, chama-se de "evangelista" a quem se incumbe de buscar enxergar o futuro e preparar pessoas e recursos para enfrentá-lo.

No entanto, mesmo que não tivesse de estudar e desenhar o amanhã por descrição do cargo, o que faço noite e dia, eu me consideraria no direito de dividir minhas ideias com você e fazer essa provocação em larga escala. Por duas razões: a primeira é que sou brasileiro, nascido e criado numa sociedade extremamente criativa e adaptável, que poderia ser uma das líderes dessas mudanças de que o mundo tanto precisa e infelizmente não o é; a segunda é que, acima de tudo, sou um cidadão que tem descendentes e se preocupa com o futuro deles.

Hoje, quando penso nas netas das minhas netas, pergunto-me, por exemplo, sobre que tipo de conto de fadas elas ouvirão em um cenário de futuro em que nossa sociedade tenha reduzido drasticamente produção e consumo, seguindo as presentes recomendações da Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas. Será a história da princesa triste que não podia ter um vestido bonito para a festa, nem uma carruagem galante, nem mesmo um palácio e uma festa onde dançar com um príncipe? Se for assim, as moiras terão se transformado em bruxas más. <